

Jornal Nacional: a notícia faz história

*Projeto Memória Globo.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, 408 pp.*

Luis Felipe Miguel*

* Professor do Instituto de Ciência Política e do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, ambos da Universidade de Brasília.

É impossível negar a importância da Rede Globo de Televisão na vida nacional das últimas décadas. Graças a um misto de competência técnica, faro empresarial e oportunismo político, a emissora tornou-se referência indispensável e modelo para suas concorrentes, que mimetizam sua grade de horário e o ‘padrão’ de seus programas. Muitas vezes, os mais apressados anunciaram o início de seu declínio – por exemplo, quando foi derrotada no seu produto mais emblemático, a telenovela, pela alternativa eco-erótica da TV Manchete (*Pantanal*) ou pelos dramalhões mexicanos ou mexicanizantes veiculados pelo SBT. Em cada uma destas vezes, a “Vênus platinada” mostrou-se capaz de superar os desafios. Não pode mais se dar ao luxo de quase ignorar os competidores, como fazia no final dos anos 1970 e começo dos 1980, mas mantém uma sólida e incontestável liderança, com quase três quartos da audiência nacional e uma fatia ainda maior da verba publicitária.

Portanto, é preferível evitar a palavra declínio – mas também é inegável que a Globo atravessa a mais grave crise de sua história. Após investimentos desastrosos, como a tentativa de expansão internacional (com a TV Monte Carlo) e a aposta exagerada no potencial da TV por assinatura, o conglomerado se encontra bastante endividado (embora a televisão aberta continue lucrativa). Além disso, a recente abertura do mercado de mídia ao capital estrangeiro pode trazer ao país concorrentes mais poderosos. Desta forma, a Globo se encontra em situação mais vulnerável, inclusive diante do poder público, do qual espera auxílio.

Coincidência ou não, é neste momento de crise que a emissora inicia uma ofensiva destinada a transformar sua imagem pública. Nascida à sombra da ditadura, parceira dos militares no projeto do Brasil Grande, a Rede Globo sempre foi um bastião do conservadorismo político, usando a influência proporcionada por sua imensa penetração para vetar as mudanças que não lhe agradavam. “Sim, eu uso o poder” – a frase do ‘jornalista’ Roberto Marinho, que comandou a empresa por mais de meio século, em entrevista a *New York Times* revela o papel que a emissora atribuía a si mesma. Agora, porém, ela se mostra como guardiã dos valores profissionais do jornalismo. Em vez de usar o poder para orientar a opinião pública na direção ‘certa’, a Globo apenas informaria com isenção e objetividade os fatos do Brasil e do mundo.

Os poderosos, em geral, quando mudam de orientação, não se limitam a mexer no presente e a gerar novas conseqüências para o futuro. Eles também reescrevem o passado. Com a Globo não é diferente. O projeto “Memória Globo”, começado nos anos 1990, é por certo uma iniciativa valiosa, que vem gerando um importante acervo de documentos que registram um momento essencial da história da comunicação no Brasil. Mas é também guiado por um objetivo ideológico, de limpar a imagem da emissora das manchas, muitas delas persistentes, que foram ali colocadas por seus críticos. O fruto mais vistoso do projeto, até o momento, é revelador desta proposta. Trata-se de uma ‘biografia’ do telejornal mais importante da casa, que em 2004 completou 35 anos de existência.

Primeiro telenoticiário de abrangência ‘nacional’ (embora no início só atingisse uma porção minoritária do território), o *Jornal Nacional* é ainda hoje a principal fonte de informação de milhões de brasileiros. De longe, é o informativo mais assistido do país. Também não é pequena sua importância histórica. Quando foi ao ar pela primeira vez, em 1º de setembro de 1969, era uma grande demonstração da “integração nacional” tão almejada pelos governantes militares. O sistema de microondas implantado pela Embratel – isto é, pelo poder público – permitia a transmissão simultânea, e a Rede Globo soube aproveitar a oportunidade.

Jornal Nacional, o livro, retoma a trajetória do noticiário, em edição bem cuidada, com centenas de ilustrações. Trata-se, em primeiro lugar, de uma homenagem aos profissionais que fizeram o telejornal, o que explica as longas listas de nomes de repórteres, editores, cinegrafistas e técnicos, algo enfadonhas para o leitor comum. A obra também funciona como uma recapitulação – ou, ao menos, um *aide-mémoire* – da vida cotidiana dos últimos 35 anos, ao recordar eventos que costumam ficar de lado nos livros de história, mas que forneceram matéria-prima para coberturas “memoráveis”, como os grandes incêndios de edifícios (Andraus, Joelma, Andorinhas) ou crimes que causaram sensação.

O estilo, por outro lado, é o do panegírico: a louvação de uma grande obra que progride de vitória em vitória, sem recuos, sem erros. Mudanças de diretores, por exemplo, são sempre narradas como levando a continuidades e aprimoramentos, nunca a mudanças de rumo. Todas as tensões presentes no processo são eliminadas. O resultado lembra a história oficial dos manuais escolares convencionais, destinados a alimentar mais o civismo do que o conhecimento histórico, pregando a ilusão de uma nação sem conflitos.

É um panegírico, porém, em tom menor, contido, que em poucos momentos chega a excessos – como ao destacar a clarividência de Roberto Marinho, apresentado como idealizador do *Jornal Nacional*: “O empreendedor antevira, o empresário agira, e o jornalista iria tornar realidade um velho sonho, imprescindível para a construção da nação” (p. 29). Como referências hiperbólicas a Roberto Marinho são usuais na Rede Globo, seria de espantar se o livro

também não as contivesse. (Aliás, não seria desprovida de interesse uma pesquisa que comparasse a construção da imagem de Marinho, no discurso de suas empresas, com a construção da imagem de monarcas absolutos, como o Luís XIV analisado na conhecida obra de Peter Burke.)

Boa parte do esforço é dedicada a recontar de episódios especialmente complicados para o telejornal e a emissora. A relação mais do que cordial com o regime militar é reescrita como uma resistência permanente, que irmana jornalistas e direção da empresa num combate cotidiano à censura. A parte dedicada ao período mais sombrio da ditadura, porém, dá pouco destaque às questões políticas, limitadas a um curto capítulo de título revelador: “A cobertura nacional em anos de chumbo”.

Três episódios são tratados com especial cuidado, merecendo inclusive a transcrição literal de depoimentos de diversos envolvidos – exatamente os três que mancham de forma mais séria a reputação da emissora. O chamado “caso Proconsult” ocorreu nas eleições de 1982 no Rio de Janeiro. A empresa responsável pela totalização das apurações do estado esteve aparentemente ligada a um esquema destinado a impedir a vitória do candidato Leonel Brizola. A Rede Globo, segundo o próprio Brizola denunciou, contribuiu divulgando números que sinalizavam a vitória de seu adversário, fazendo com que a opinião pública assimilasse a fraude. A versão oficial é de que não houve nenhuma intenção de prejudicar qualquer candidato. A Globo apenas teria errado ao atrelar sua cobertura das eleições à do jornal *O Globo*, perdendo a agilidade própria da televisão; e as acusações de Brizola seriam maldosas. Em sete páginas, são reproduzidos nove depoimentos que corroboram esta narrativa. Todos, porém, são de profissionais que estiveram ligados à cobertura da Globo em 1982. Seus acusadores ou observadores externos não têm voz.

O segundo episódio é o movimento das ‘Diretas Já’. Há um esforço para mostrar que o comício de 25 de janeiro de 1984 foi, sim, vinculado à campanha das Diretas, ainda que muito discretamente, ao contrário do que se convencionou dizer. Sete depoimentos, mais uma vez de profissionais ligados à casa, confirmam a versão

oficial de que a “prudência” da Globo ao noticiar a campanha pelo retorno das eleições presidenciais diretas, em comparação mesmo às concorrentes, se devia à pressão dos militares sobre a emissora líder. Como diz José Bonifácio Sobrinho, o Boni, então executivo da emissora: “Nós ficamos limitados pelo poder de audiência que a TV Globo tinha” (p. 158).

Enfim, há a edição do último debate do segundo turno das eleições presidenciais de 1989, que favoreceu Fernando Collor em detrimento de Lula. É o único momento em que o contraditório transparece no livro. Afinal, não é de hoje que Armando Nogueira (então diretor da Central Globo de Jornalismo) e Alberico de Souza Cruz (seu sucessor no cargo) se digladiam publicamente na interpretação do episódio. Mesmo aqueles que condenam a edição do debate, porém, preservam a emissora e a família Marinho – “foi má-fé do Alberico, que servia não à empresa, mas servia ao Collor”, diz Nogueira (p. 215). Um diretor pode errar, pode até ser desleal, mas, no mundo de *Jornal Nacional: a notícia faz história*, não se cogita que a Rede Globo possa intervir nas eleições em favor de um candidato.

Outros momentos críticos são tratados de forma mais rápida. Uma página esgota o ‘caso Ricúpero’, em que o então ministro da Fazenda, sem saber que suas palavras iam ao ar, comprometeu a Globo na campanha em favor da eleição de Fernando Henrique em 1994. O livro julga que a questão está resolvida ao informar que “no dia seguinte, a Rede Globo divulgou uma nota” afirmando que sua cobertura era isenta (p. 280). A ênfase excessiva em *fait-divers*, na época em que Evandro Carlos de Andrade ocupou a direção da Central Globo de Jornalismo, merece atenção, mas a conclusão é que, afinal, um pouco de mundo animal e vida de celebridades não faz mal a ninguém, desde que os fatos importantes também estejam sendo noticiados. O leitor de *Jornal Nacional*, porém, não fica sabendo que as eleições gerais de 1998 ficaram quase completamente ausentes do noticiário.

Para os interessados na presença da mídia no Brasil, *Jornal Nacional: a notícia faz história* interessa pelas lembranças que evoca, por algumas histórias curiosas, pela descrição de aspectos técnicos e

pela riqueza do material iconográfico. Interessa ainda mais, porém, como um retrato da imagem que a Rede Globo deseja hoje passar de si própria. Ela é uma emissora ágil, independente, sem compromissos com os poderes estabelecidos, ética, isenta e plural. Basta ligar a televisão às oito e meia da noite para ver em que medida seu noticiário consegue fazer jus a estes adjetivos. ■